

A Sucessão de Geisel e a Imprensa

Claudia dos Santos Lagame Lobo

A realização de eleições periódicas e de uma rotatividade de generais na Presidência da República durante o regime militar pode ser considerada uma forma de legitimação do mesmo. Por isso as sucessões presidenciais seriam momentos decisivos para os rumos do processo de redemocratização. Desde a instalação do regime militar foram cinco os generais presidentes, de Castelo Branco até João Baptista Figueiredo. Neste artigo procuramos analisar como o *Jornal do Brasil* se posicionou diante da primeira sucessão presidencial no período de abertura política do regime. Buscamos definir qual o papel desempenhado pelo jornal no processo sucessório de Ernesto Geisel.

O *Jornal do Brasil* desempenhou um importante papel no processo de redemocratização no Brasil, atuando como formador de opinião e como porta-voz da iniciativa privada. No decorrer da abertura política, mostrou-se insatisfeito com o alcance das medidas liberalizantes do governo e com o andamento das reformas políticas, “mantendo-se na oposição possível ao regime militar”¹.

Tendo a imprensa como fonte e objeto de estudo, propomos uma análise comparativa dos editoriais e colunas políticas do *Jornal do Brasil* em um dos momentos-chave do processo de redemocratização: os debates acerca da sucessão presidencial iniciados em 1977 com a exoneração do general Silvío Frota, terminando em 1978 com a eleição do general João Figueiredo.

O processo de sucessão do presidente Geisel

Em 1978 seriam dados passos decisivos rumo ao processo de redemocratização. Um passo seria a realização das eleições para os governos estaduais e para os legislativos federal e estadual, outro passo seria a eleição presidencial. Neste ano, temas como a anistia e as eleições diretas fariam parte da agenda política da oposição.

Preocupados com o controle do processo de abertura e com as eleições de 1978, o presidente Geisel e seu chefe do Gabinete Civil, general Golbery do Couto e Silva, combatiam a oposição ao regime através de cassações de mandatos, o fechamento do Congresso e o Pacote de Abril de 1977, bem como o afastamento de militares radicais contrários a abertura. Foi o que aconteceu com o ministro do exército Silvío Frota, que pretendia ser o sucessor de Geisel.²

A sucessão de Geisel gerou uma série de desentendimentos nos meios militares. Primeiro o general Frota, apoiado pela linha dura buscou articular sua candidatura e acabou sendo exonerado do Ministério do Exército em 12 de outubro de 1977. Depois foi a vez do general Hugo Abreu, que após a indicação do general Figueiredo em 3 de janeiro de 1978 pediu demissão da chefia do Gabinete Militar, contrariado com a escolha. Segundo entrevista do general Ernesto Geisel concedida ao CPDOC, o general Hugo Abreu também se julgava um possível candidato à sucessão presidencial

Quando eliminei o Frota e indiquei o Figueiredo como o candidato à presidência, ele [Hugo Abreu] se decepcionou, resolveu romper e ir embora. Minha conclusão é essa: ele se julgava um possível candidato.³

Embora Geisel não tenha admitido que sua sucessão gerara uma crise militar, seu depoimento deixa a impressão de que ocorreram algumas disputas na cúpula do regime durante o processo sucessório. O que estava em jogo era a continuidade ou não de um projeto. Em outro trecho desta mesma entrevista Geisel afirma que o problema fundamental da sucessão seria assegurar a continuidade da abertura e a estabilidade do novo governo⁴. Continuidade e estabilidade, esse era o projeto, isso que estava em jogo. A abertura deveria ser lenta, segura e gradual, daí Geisel não ter escolhido um candidato civil para sucedê-lo. “Não havia nenhum civil que tivesse adequada identificação com as Forças Armadas...”⁵, ou seja, em nome da continuidade e da estabilidade, um civil seria inadequado naquele momento. Mesmo a oposição parecia concordar que ainda não era a hora para um

candidato civil, ao lançar a candidatura do general Euler Bentes Monteiro no segundo semestre de 1978.

No dia 15 de outubro de 1978, no Congresso Nacional, Euler Bentes recebeu 266 votos e foi derrotado por Figueiredo que obteve 355 votos.

Vejamos então as opiniões defendidas pelo *Jornal do Brasil*, através de seus editoriais e colunas políticas durante o processo sucessório.

Exoneração de Silvio Frota

O editorial de 13 de outubro de 1977 condenou a postura de “cisão militar” do general Silvio Frota, considerando “...nociva a todos os interesses do país e, sobretudo , à institucionalização política...”⁶. A exoneração de Frota e sua rápida substituição, sem qualquer transtorno institucional, teve uma repercussão positiva no Jornal, que interpretou o episódio como um indício de certa maturidade política por parte da Nação. Segundo o editorial, “atos da rotina administrativa podem ser transformados em crises institucionais”⁷. Desta maneira, o Jornal reduz a importância do fato, sugerindo que o mesmo não passara de um ato da rotina administrativa, uma mera troca de nomes.

Já a Coluna do Castelo, no mesmo dia, comenta a nota oficial do Governo sobre a exoneração de Frota, que segundo a Coluna, tentara desvincular o episódio da questão da sucessão presidencial. Para Castelo, a demissão de Frota revelava que o Presidente Geisel havia discordado do seu comportamento e vetara suas “possíveis aspirações”⁸. No dia seguinte, a Coluna continua discorrendo sobre o mesmo assunto, afirmando que embora a eliminação da candidatura de Frota não eliminasse a candidatura de Figueiredo, certamente poderia levá-la a um momentâneo enfraquecimento. Em outras palavras, a Coluna denunciava a “dificuldade de conciliar um processo aberto de debate sucessório com um processo fechado de decisão”⁹. Essa idéia é reforçada na coluna seguinte, quando Castelo adverte sobre o aumento do poder pessoal de Geisel que se tornara árbitro exclusivo da sucessão presidencial ao eliminar Frota. Castelo esperava que Geisel levasse em consideração a opinião pública nacional, civil e militar, para que sua decisão não fosse

contestada. Daí lista outros nomes que poderiam ser considerados para a sucessão presidencial, Magalhães Pinto, Aureliano Chaves e Leitão de Abreu.

Candidatura de Magalhães Pinto

A Coluna do Castelo do dia 05 de janeiro de 1978 trata da candidatura do senador mineiro José de Magalhães Pinto da Arena, partido governista. Castelo atribuía ao general Golbery a observação de que embora a exclusão do general Frota exigisse rapidez de ação, a exclusão de Magalhães Pinto demandaria tempo.¹⁰ O lançamento da plataforma da candidatura de Magalhães Pinto só ocorreria em março de 1978, contudo seu nome já estava sendo especulado pela imprensa há muito tempo.¹¹

Em 08 de agosto Magalhães Pinto acaba desistindo de sua candidatura, no mesmo dia em que o MDB lança a candidatura de Euler Bentes. No dia 21 daquele mês a seção de cartas trata da candidatura de Magalhães Pinto, que segundo o leitor do *Jornal do Brasil*, estaria sendo rejeitada por ser ele um banqueiro. O leitor do Rio de Janeiro defende o candidato que seria segundo ele, um “democrata sincero” e um patriota. A publicação da carta dias depois da desistência da candidatura de Magalhães Pinto, e dias antes da homologação oficial da candidatura de Euler Bentes sugere uma insatisfação com o rumo dos acontecimentos.

Demissão do Hugo Abreu

Embora a demissão do general Hugo Abreu tenha sido coberta pelos noticiários do *Jornal do Brasil*, esta não foi objeto das colunas políticas, e do editorial durante os dias mais tensos desse episódio. A Coluna do Castelo, escrita por Marcos Sá Corrêa em 03 de janeiro de 1978 faz uma dura crítica a condução da sucessão presidencial feita por Geisel. Para o colunista a sucessão presidencial ganhara contornos de práticas monárquicas. Este ironiza o método adotado, “pelo qual o Palácio do Planalto resolveu chocar um novo Presidente.”¹² Contudo não faz referência direta à questão da demissão de Hugo Abreu. No dia seguinte a Coluna, agora assinada pelo próprio Castelo, relembra a demissão do general Frota e acusa

o presidente Geisel de estar tratando da sucessão presidencial desde julho do ano anterior. Segundo Castelo, Geisel dissera que só trataria da sucessão em janeiro. No dia 06 afirma que a sucessão passava por uma “crise de bastidores”.

O afastamento de Hugo Abreu teria beneficiado o *Jornal do Brasil*, uma vez que Abreu articulara o boicote publicitário no jornal. Segundo Anne-Marie Smith¹³, Abreu enviara mensagens aos ministérios, gabinetes e estatais proibindo a compra de espaço de anúncio no jornal. Isso ocorreu devido às matérias publicadas no jornal sobre os acordos nucleares entre os EUA e o Brasil. Talvez isso explique o silêncio dos editoriais e colunas sobre sua demissão naquele momento.

Candidatura de Figueiredo

Quando da oficialização da candidatura do general Figueiredo, a coluna do Castelo de 08 de abril lembrou o episódio da demissão do general Hugo Abreu, que segundo Castelo teria tomado a decisão de sair do posto de Chefe da Casa Militar por não concordar com a candidatura do general Figueiredo. Neste mesmo dia, uma carta de um leitor do Rio de Janeiro criticava as posições de Carlos Castelo Branco na coluna do dia anterior. O leitor, um oficial da Marinha, sentira-se ofendido pelos “ataques generalizados aos militares, com o emprego de expressões agressivas, levianas e injuriosas”¹⁴. Castelo, por sua vez respondeu à crítica, afirmando que apenas reportara fato ocorrido em 1974 ao general Figueiredo, que estaria se repetindo. A coluna em questão, tratava do fato do general Geisel ter ocupado um “próprio nacional” para residir e outro para “realizar suas confabulações políticas”, logo após sua indicação como candidato à sucessão do general Médici. Para Castelo o general Figueiredo estaria transformando essa prática em rotina ao anunciar a ocupação de um andar do edifício do Banco do Brasil para instalar sua assessoria, além de permanecer residindo na Granja do Torto. Nesta mesma coluna, Castelo comenta entrevista de Figueiredo à *Folha de S. Paulo*.

O general João Baptista de Figueiredo continua a falar aos jornais... deve-se incentiva-lo nessa abertura à opinião pública, cuja existência nega, mas que vai anotando, uma a uma, suas idéias e registrando o estado de espírito de quem se prepara para assumir o Governo.¹⁵

As declarações do então candidato à Presidência da República tiveram uma repercussão negativa no *Jornal do Brasil*. Além da Coluna do Castelo, Luiz Orlando Carneiro, chefe da redação, aborda o tema no dia seguinte discutindo o peso da imprensa e da ação dos governantes na formação da opinião pública.

O descontentamento do Jornal com a sucessão presidencial também fica latente nas declarações de Tristão de Athayde

Das várias entrevistas, agora concedidas pelo indicado Presidente da república, não se pode evidentemente prejudicar o que serão seus atos futuros. mas já se pode determinar certos pontos emergentes de suas posições políticas, como sejam: continuísmo; autoritarismo; elitismo...
...de modo que ficamos desde já sabendo que seu plano é manter o regime atual, com poucas e eventuais modificações.
Não temos direito de prejudicar. Mas ainda nos resta o dever de nos inquietarmos seriamente com o futuro. Que virá por aí?¹⁶

Candidatura de Euler Bentes

A Coluna do Castelo de 21 de agosto enfoca a candidatura do general Euler Bentes. Segundo Castelo havia naquele momento a preocupação do governo em “infundir e difundir a crença de que a existência de duas candidaturas militares não importa em divisão das Forças Armadas.”¹⁷ A expectativa em relação à candidatura do general Euler Bentes era de que somente uma candidatura militar teria o respaldo necessário para enfrentar o candidato de Geisel, “somente um General poderia enfrentar outro General”¹⁸. Contudo, para Castelo sua candidatura não teria sequer a totalidade dos votos do MDB. Mauro Guimarães, chefe da sucursal do *Jornal do Brasil* em São Paulo, afirma por sua vez, tratar-se de um equívoco político do MDB. Além de criticar o fato do partido estar reclamando a volta das eleições diretas nos estados ao mesmo tempo em que valida as eleições indiretas para presidente.¹⁹ Dias depois, a Coluna do Castelo afirma que o poder de decisão do

Presidente da República estava sendo desafiado. Também sugere que na exoneração do general Frota o problema era a resistência às reformas, e que neste momento a competição se daria em favor destas, uma vez que ambos os generais, Figueiredo e Euler Bentes, prometiam mudar o regime.²⁰ No mesmo dia, Tristão de Athayde faz uma crítica às ditas reformas, que segundo ele implicavam em continuísmo.²¹

Conclusão

Ao final do processo sucessório, com a eleição do general Figueiredo, o editorial faz um balanço das sucessões presidenciais durante o regime militar, afirmando que as eleições indiretas não evitaram atritos políticos, mesmo que numa escala menor do que nas eleições diretas anteriores ao regime. Mas que a sucessão de Geisel diferenciou-se das demais por que

Pela primeira vez, também a manifestação de discordância transbordou do círculo central de Poder e, através de uma candidatura alternativa; tentou arregimentar apoio da opinião pública...²²

A participação da opinião pública no processo sucessório foi uma preocupação constante do Jornal, que já havia reclamado que “a condução da sucessão presidencial e das sucessões estaduais operou-se mediante exclusão da opinião pública”²³

O Jornal, desiludido com o andamento da sucessão presidencial indireta, apostara numa virada de mesa, com as eleições diretas para o legislativo. Embora declarasse não ter candidato à Presidência da República, o *Jornal do Brasil* afirmava sua opinião sobre a sucessão presidencial a qual não deixaria de defender.

Fiel aos compromissos democráticos que estão no cerne de sua história, o JORNAL DO BRASIL reafirma sua repulsa aos vigorantes processos de escolha de governantes e declara que eles são responsáveis pela espessa zona de incertezas em que mergulhou a vida política nacional.[...]²⁴

Os trechos selecionados dos jornais, evidenciam que naquele momento, embora houvesse uma grande insatisfação com o regime, havia também ainda o temor de um retrocesso na abertura política que aos poucos se esboçava. Havia a idéia de que um passo em falso, poderia comprometer todo o processo. Esse talvez tenha sido um dos motivos que levou o *Jornal do Brasil* a declarar que não tinha candidato à sucessão presidencial, embora não deixasse de expressar sua opinião sobre o processo sucessório.

¹ DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO BRASILEIRO PÓS-30, coord. geral Alzira Alves de Abreu e Israel Beloch. 2.ed. ver. E atual. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2001. v. 3, p. 2871.

² Ver GASPARI, Elio. *A ditadura encurralada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

³ D'ARAUJO, Maria Celina e CASTRO Celso (orgs.) *Ernesto Geisel*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997. p 411.

⁴ Idem, p.412.

⁵ Ibidem.

⁶ *Jornal do Brasil*, 13/10/1977. Editorial. "Via Institucional".

⁷ Ibidem.

⁸ *Jornal do Brasil*, 13/10/1977. Coluna do Castelo. "Sai o candidato e fica o sistema".

⁹ *Jornal do Brasil*, 14/10/1977. Coluna do Castelo. "A longa faixa de suspeição".

¹⁰ *Jornal do Brasil*, 05/01/1978. Coluna do Castelo. "Magalhães como candidato da Nação"

¹¹ *DHBB*, v.IV, p.4675.

¹² *Jornal do Brasil*, 03/01/1978. Coluna do Castelo. "Uma experiência de monarquia".

¹³ SMITH, Anne-Marie. *Um acordo forçado- O consentimento da imprensa à censura no Brasil*. Editora FGV, 2000. pp.79-81.

¹⁴ *Jornal do Brasil*, 08/04/1978. Cartas. "Militares".

¹⁵ *Jornal do Brasil*, 09/04/1978. Coluna do Castelo. "Um tema para Figueiredo".

¹⁶ *Jornal do Brasil*, 19/05/1978. Tristão de Athayde, "Que será? Que será?".

¹⁷ *Jornal do Brasil*, 21/08/1978. Coluna do Castelo. "Unidos mas divididos"

¹⁸ Idem

¹⁹ *Jornal do Brasil*, 22/08/1978. Mauro Guimarães. "Vaidades fardadas e paisanas".

²⁰ *Jornal do Brasil*, 24/08/1978. Coluna do Castelo. "O MDB no ritual da Revolução".

²¹ *Jornal do Brasil*, 24/08/1978. Tristão de Athayde. "Tempo perdido".

²² *Jornal do Brasil*, 15/10/1978. Editorial. "Fim de Processo"

²³ *Jornal do Brasil*, 16/05/1978. Editorial. "Ilegitimidade"

²⁴ Idem.